

Fecha de recepción: 26-junio-2020

Fecha de aceptación: 18-septiembre-2020

TRATANDO DOENÇAS DA ALMA: ETNOBOTÂNICA URBANA

Maria Hortencia Borges dos Santos^{1*}, Juliana Cardozo de Farias¹, Irlaine Rodrigues Vieira², Roseli Farias Melo de Barros³.

¹Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA – UFPI; Teresina-PI, Brasil.

²Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA – UFPI; Teresina-PI, Brasil.

³Docente do Departamento de Biologia, do mestrado e doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Av. Universitária, 1310, Ininga. CEP: 64049-550; Teresina-PI, Brasil.

*Correo: mariabioflor@hotmail.com

RESUMO

A perda de conhecimento relacionado ao avanço científico, serviços de saúde e globalização podem levar ao desuso das práticas ritualísticas locais, principalmente em áreas urbanas. Este fato sugere que as transformações socioculturais podem ocasionar o desaparecimento de práticas e conhecimentos relacionados à cura da alma. Deste modo, buscou-se levantar as plantas ritualísticas comercializadas por permissionários em mercados públicos de Parnaíba, Piauí, e verificar a origem das plantas e do conhecimento tradicional, além de expor as funções conferidas às espécies, considerando as práticas utilizadas. A presente pesquisa foi aprovada e consubstanciada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob o N° 2.975.850, e cadastrada na plataforma do Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional (SISGEN - N° ABB2F8B). A pesquisa foi realizada na cidade de Parnaíba, Piauí, desenvolvida com 34 permissionários que trabalham nos mercados públicos da cidade. As plantas comercializadas foram coletadas em “turnês-guiadas”, identificadas e incorporadas ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Foram relatadas 23 espécies, distribuídas em 13 famílias. Lamiaceae foi predominante e a folha foi a mais citada (36.72%), seguida da planta inteira (27.30%), casca, bulbo, flor (10.40%, cada) e semente (4.78%). Os banhos foram os mais representativos (53%), seguidos de rituais de proteção (21%), absorção de energias ruins (14%), afastamento de energias negativas (6%) e simpatias (6%). As plantas comercializadas são adquiridas em quintais (65.9%) e compradas de fornecedores (34,1%), vendidas frescas (84%) e secas (16%). As espécies ritualísticas exóticas (74.68%) foram predominantes no estudo. O presente trabalho evidenciou o uso das plantas mágico-religiosas comercializadas por permissionários, também usadas como condimentos (10), revelando que o conhecimento tradicional também se encontra inserido em mercados públicos.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil, comercialização, mercados públicos, Parnaíba, rituais.

TREATING DISEASES OF THE SOUL: URBAN ETHNOBOTANY

ABSTRACT

The loss of knowledge related to scientific advancement, health services and globalization can lead to the disuse of local ritualistic practices, especially in urban areas. This fact suggests that socio-cultural transformations may cause the disappearance of practices and knowledge related to soul healing. In this way, we sought to raise the ritualistic plants sold by permissionaires in public markets in Parnaíba, Piauí, and to verify the origin of the plants and traditional knowledge, in addition to exposing the functions conferred to the species, considering the practices used. This research was approved and supported by the Ethics and Research Committee (CEP) of the Federal University of Piauí (UFPI), under number 2,975,850, and registered on the platform of the National Management System for Genetic Heritage and Traditional Knowledge (SISGEN – N°. ABB2F8B). The research was carried out in the city of Parnaíba, Piauí, developed with 34 permissionaires who work in the city's public markets. The commercialized plants were collected on "guided tours", identified and incorporated into the collection of the Herbarium Graziela Barroso (TEPB) of the Federal University of Piauí (UFPI). 23 species were reported, distributed in 13 families. The Lamiaceae family was predominant, and the leaf was the most mentioned (36.72%), followed by the whole plant (27.30%), bark / bulb / flower (10.40% each), and seed (4.78%). The baths were the most representative (53%), followed by protection rituals (21%), absorption of bad energies (14%), removal of negative energies (6%) and sympathy (6%). Commercialized plants are purchased in backyards (65.9%) and purchased from suppliers (34.1%), sold fresh (84%) and dried (16%). Exotic ritualistic species 74.68% were predominant in the study. The present study showed the use of magical-religious plants sold by permissionaires, also used as condiments (10), revealing that traditional knowledge is also inserted in public markets.

KEYWORDS: Brazil, commercialization, Parnaíba, public Markets, rituals.

INTRODUÇÃO

Etnobotânica interpreta o saber popular que ocorre ao longo dos tempos (Luján e Martínez, 2019), e investiga o conhecimento botânico local, por vezes, associados as práticas ritualísticas (Silva e França, 2012) e terapêuticas (Coelho-Ferreira, 1996), deste modo busca compreender as relações entre as sociedades humanas com as plantas (Alves e Povh, 2013).

O conhecimento popular sobre o emprego dos vegetais para fins terapêuticos e ritualísticos no Brasil é resultante da miscigenação dos saberes sobre as plantas medicinais dos nativos e migrantes (Almeida, 2003). Destacando-se o uso de plantas nativas e exóticas, centros religiosos e em rituais domésticos associados à cura de enfermidades (Oliveira e Trovão, 2009). Tais atitudes também são fortalecidas pelo difícil acesso aos sistemas de saúde (Ferreira, 2017).

O uso e o comércio de plantas aplicadas em tradições religiosas são estimulados pela necessidade de tratar doenças psíquicas e físicas (Maioli-Azevedo e Fonseca-Kruel, 2007; Bussmann e Sharon, 2009; Lévi-Strauss, 2010; Almeida, 2011; Camargo, 2014; Bussmann e Sharon, 2015). As espécies comercializadas por erveiros nutrem a medicina místico-religiosa popular com um arsenal variado de ervas curativas e ritualísticas (Albuquerque, 1997).

Nos mercados públicos há comercialização de diversos produtos da sociobiodiversidade, como carnes, peixes, frutas, legumes, plantas, roupas, bolsas, calçados, cosméticos, cachaça e artesanato entre outros insumos. (Bastos *et al*, 2020; Santos, 2020).

Nesse sentido, os mercados como locais de comercialização de plantas são importantes por reunir,

manter, expor e difundir o saber empírico sobre a diversidade de recursos da fauna e flora medicinais/ritualísticas (Cunningham e Mbenkum, 1993; Monteiro *et al.*, 2010; Puentes e Hurrell, 2015; Puentes, 2016; Hurrell *et al.*, 2016; Lima *et al.*, 2016; Landeros-Cuevas *et al.*, 2018; Juárez-Pérez *et al.*, 2019).

A perda de conhecimento relacionado ao avanço científico, facilidades a medicamentos industrializados e globalização podem levar ao desuso das práticas ritualísticas locais, principalmente nas cidades. Locais com aglomeração humana, dotado de serviços públicos (água, energia, pavimentação, internet, escolas, sistema escolar e de saúde), que propiciam o acesso à informação e comercialização, havendo uma priorização do capitalismo em relação ao espiritualismo. Este fato sugere que as transformações socioculturais podem ocasionar o desaparecimento de práticas e conhecimentos relacionados a cura da alma.

No município de Parnaíba, Piauí, Brasil, a dificuldade no acesso à saúde pública, assim como a elevada taxa de mortalidade, advinda de autocídio ser quase o dobro da média nacional que é de 5,6 mortes por suicídio com aproximadamente 10 mortes a cada grupo de 100 mil habitantes piauienses (Araújo, 2019), faz com que a população recorra aos mercados públicos da cidade para tratar o mal-estar do corpo e da alma, utilizando plantas em rituais para tratar desequilíbrios emocionais. Buscou-se compreender o modo de obtenção do conhecimento por parte dos permissionários, a origem, formas de uso e quais espécies vegetais são empregadas nos tratamentos de desequilíbrios emocionais (doenças da alma) comercializadas nos mercados públicos de Parnaíba, Piauí.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo. A cidade de Parnaíba situa-se na mesorregião norte do estado Piauí, microrregião do Litoral Piauiense (02°54'34,00" S; 41°47'13,00" W), com população estimada de 152.653 e densidade demográfica de 334.51 hab/km² (IBGE, 2016). O clima do município é caracterizado como Tropical

Quente, com uma estação quente e chuvosa no verão e outra seca no inverno (Köppen, 1948). A flora possui características de áreas de Cerrado, onde há vegetação florestal, e apresenta fragmentos de mangue e restinga (Santos Filho, 2009).

Em Parnaíba, Piauí há quatro mercados públicos (Figura 1), Mercado da “Quarenta, Guarita, Caramuru, e Nossa Senhora de Fátima”, os quais comercializam insumos em gerais e espécies de plantas medicinais e ritualísticas.

Coleta dos dados. A pesquisa foi conduzida entre agosto de 2018 e maio de 2019. Realizaram-se visitas regulares aos mercados públicos para o reconhecimento da área, identificação e confiança dos informantes, iniciando a técnica de *Rapport* (Barbosa, 2007). Efetivou-se por meio de formulários semiestruturados (Bernard, 1988), as entrevistas abrangiam dados sobre os aspectos socioeconômicos, culturais e etnobotânicos, para obtenção das plantas comercializadas e conhecimento tradicional sobre estas.

Com base nessas informações, todos os vendedores de plantas dos mercados públicos da cidade de Parnaíba, Piauí, com mais de 18 anos foram entrevistados. Assim, o universo amostral compôs-se de 34 permissionários, sendo 17 mulheres e 17 homens.

Os dados etnobotânicos foram coletados logo após o consentimento do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP - N° 2.975.850) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), em atendimento a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os permissionários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O estudo foi cadastrado na plataforma do Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional (SIGGEN) com o número ABB2F8B.

Foram coletadas amostras férteis das plantas, concomitante as turnês-guiadas (Bernard, 1988) e incorporadas no Herbário Graziela Barroso (TEPB) da UFPI, Campus Petrônio Portela, Teresina, estado do Piauí. Para identificação das espécies, realizou-se comparações com exsicatas depositadas na coleção do Herbário

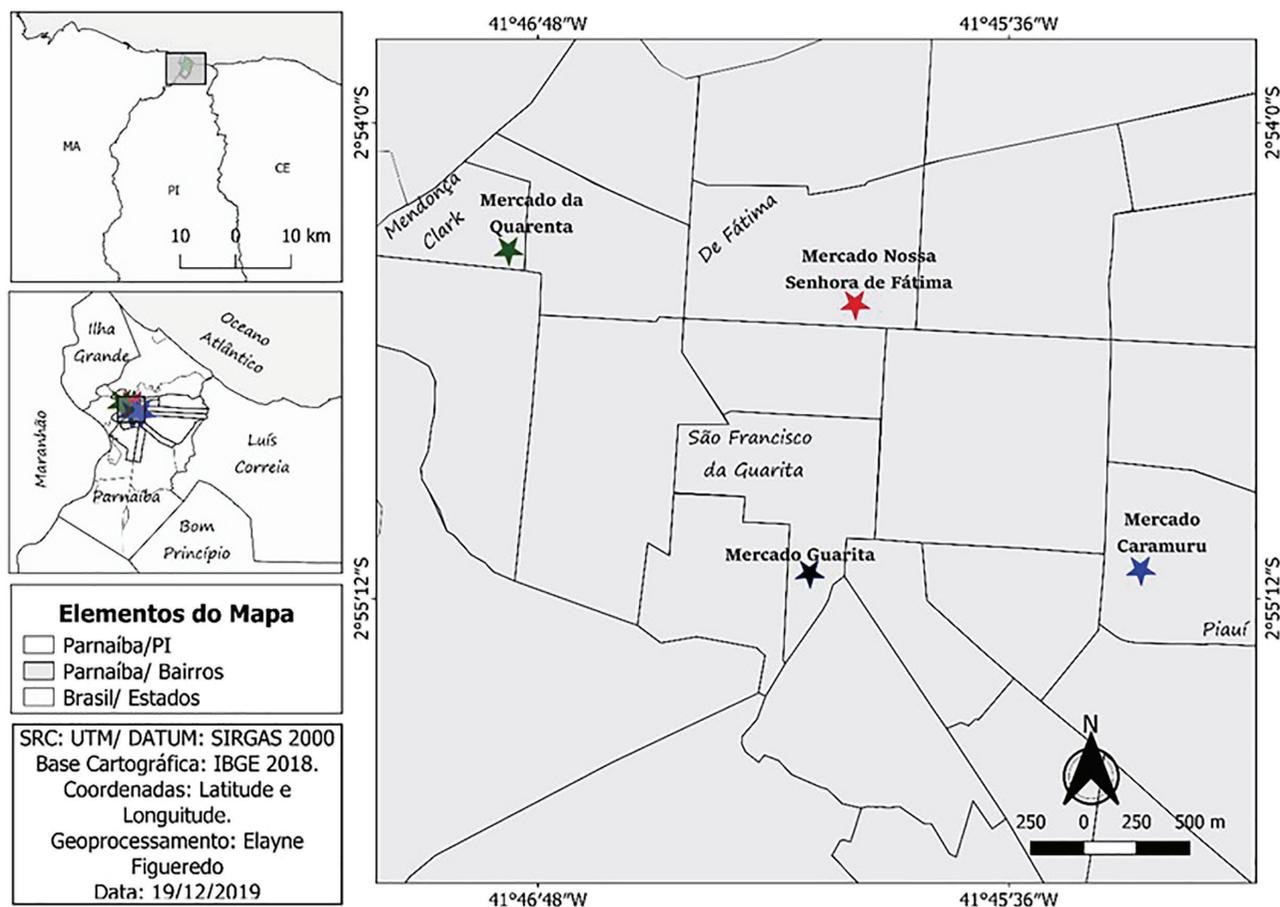


Figura 1. Localização dos mercados Públicos em Parnaíba, Piauí, Brasil.

Delta do Parnaíba (HDELTA) da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). As famílias botânicas foram classificadas com base no Angiosperm Phylogeny Group (APG IV, 2016). A atualização nomenclatural foi verificada por meio das bases de dados no Missouri Botanical Garden (MOBOT, 2019) e a Flora do Brasil *online* (2020) utilizada para verificar os *status* das espécies.

Análise dos dados. Os resultados foram avaliados de maneira quali-quantitativa, utilizando as informações da observação direta e das entrevistas, as quais foram tabuladas e tratadas em planilhas no programa Microsoft Excel 2010® para realização da análise do perfil socioeconômico dos permissionários de plantas nos mercados públicos.

Caulculou-se a Importância Relativa (IR) das espécies ritualísticas citadas por cada informante e as plantas que obtiveram os valores mais altos (máximo = 2)

representam às indicadas para um maior número de sistemas corporais, vistas como as mais versáteis (Bennett e Prance, 2000). A fórmula utilizada foi: $IR = \frac{NSC + NP}{NSCE + NPE}$, onde IR é a importância relativa, NSC o número de sistemas corporais adquirido pela razão entre o número de sistemas corporais tratados por uma determinada planta (NSCE) e o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV). O NP é a razão entre o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) e o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos mercados e permissionários. Os mercados públicos de Parnaíba, Piauí, são licenciados pela prefeitura municipal por meio da Empresa Parnaibana de Supervisão do Abastecimento (EMPA). Possuem estabelecimentos que se ramificam entre

boxes e lojas, os quais são cedidos aos permissionários sem taxa de pagamento pelo uso do espaço. Tal espaço se assemelha aos demais mercados localizados na região Nordeste Brasileira. Os mercados públicos nordestinos são cobertos com telhas/lonas, organizados em boxes de concreto, barracas ou bancadas de madeiras, padronizadas, enumeradas e divididas por sessões de frios (peixes, carnes, frutos do mar) leguminosas, plantas e insumos em gerais (Dantas, 2008; Bastos *et al.*, 2020; Santos, 2020). Similarmente, os mercados públicos da região Sul, são organizados em unidades comerciais ramificadas entre boxes, bancas, armarinhos, salas de apoio, bares e restaurantes gourmet, a maioria dos boxes são destinados à gastronomia, esses mercados são pontos turísticos para os visitantes, além da presença de estruturas artísticas antigas nos pontos comerciais (Ledur, 2017; MPF, 2020). Os mercados públicos da região Norte do Brasil são caracterizados por edificações históricas, com tipologias arquitetônicas e pavilhões interligados por passarelas de concreto, estruturas metálicas, lajes, tijolos e ferros (Chaves e Gonçalves, 2013). Da mesma forma, os mercados públicos da Região Sudeste, resgatam os aspectos dos grandes pavilhões metálicos, galerias, portas, janelas, pátios, chafarizes, restaurantes, praças de alimentação, edifícios com cobertura de madeira e reconstrução contemporânea, mas, com bancadas parecidas aos antigos mercados arquitetônicos da cidade do século XIX. (Silva, 2017). Já no Centro-Oeste, os mercados públicos possuem traços da arquitetura local, estrutura aberta, pequenas salas, lojas, barracas ou boxes, bares e serviços gastronômicos, com edificações de andares, palcos de shows, alguns são reconhecidos como patrimônio cultural (Pereira, 2018).

Observou-se que a comercialização nos mercados é realizada de modo equitativo entre os gêneros (50% ao gênero feminino e 50% masculino; n=34) sem atividade específica entre os gêneros. Estes em sua maioria são adultos (32% ≥60 anos; 62% - 25 a 59 anos; 3% - 18 a 24 anos e 3% não relatou), não nativos (57% de outros estados e 43% piauiense), com renda entre um a dois salários mínimos (82%), com baixa escolaridade (70%

não escolarizados, 18% possui o ensino fundamental, e 12% efetivaram o ensino médio completo), e com média aproximada de 24 anos de tempo de serviço em mercados. Este perfil é comum entre os permissionários brasileiros. Segundo Araújo *et al.* (2009) a experiência adquirida no uso das plantas, capacita o vendedor para a prática da comercialização destas espécies.

Espécies ritualísticas comercializadas nos mercados públicos.

O uso e o comércio de espécies vegetais são impulsionados pela necessidade da população na procura de mercadorias naturais com funções alimentícias, medicinais e ritualísticas (Oliveira *et al.*, 2014). No presente estudo foram catalogadas 23 espécies ritualísticas, pertencentes à 13 famílias botânicas. Destacam-se, pelo maior número de representantes as famílias Lamiaceae (seis espécies) e Fabaceae, Alliaceae, Myrtaceae, Euphorbiaceae e Lauraceae (duas cada), as demais com uma espécie cada. Para a família mais representativa dados semelhantes foram registrados em estudos realizados por Oliveira e Trovão (2009) na Paraíba com rezadores que utilizam plantas em suas benzeduras.

A predominância da família Lamiaceae é destacada pela ampla distribuição em regiões temperadas e tropicais e por muitas de suas espécies serem utilizadas como condimentos, óleos essenciais e/ou ornamentais (Harley *et al.*, 2004; Lós *et al.*, 2012, Martínez-Gordillo *et al.*, 2013).

Segundo os permissionários dos mercados públicos de Paraíba, a maior utilização das espécies da família Lamiaceae, é devido ao “cheiro bom” das folhas (óleos essenciais), usadas de maneira especial em banhos de limpeza e descarrego (Tabela 1).

O índice de Importância Relativa das espécies ritualísticas constatou 13 plantas com os valores máximos. Sendo elas as mais importantes com IR (2,00): alho (*Allium sativum* L.), erva-doce (*Pimpinella anisum* L.), alfavaca (*Ocimum gratissimum* L.), pau-da-angola (*Vitex agnus castus* L.), canela (*Cinnamomum verum* J. Presl), cravinho (*Syzygium aromaticum* L.), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf), erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.)

Tabela 1. Lista de espécies ritualísticas citadas pelos permissionários dos mercados de Parnaíba, Piauí, indicando a família botânica, nome científico. HA = Hábito; Tr = Trepadeira; Su = Subarbusto; Ab = Arbusto; Ar = Árvore; Er = Erva. EM = Estrutura morfológica: Bu = Bulbo; Ca = Casca; Fo = Folha; FI = Flor; PI = Planta Inteira. SE = Status geográfico: Ex = Exótica; Na = Nativa. IN = Indicações. IR = Importância Relativa.

	NOME CIENTÍFICO	NOME VERNACULAR	HA	EM	SE	INDICAÇÕES	IR
Alliaceae							
1	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	Er	Bu	Ex	Energia ruim (quebranto e mau olhado)	1.22
2	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Er	Bu	Ex	Energia ruim (quebranto e mau olhado) e proteção da alma, corpo e do ambiente	2
Apiaceae							
3	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	Er	PI	Ex	Banho de limpeza e proteção da alma, corpo e do ambiente	2
Asteraceae							
4	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	Er	PI	Ex	Proteção da alma, corpo, ambiente, e afastar energias negativas (tristeza, doenças, espíritos maus) e simpatias (amor, felicidade)	2
Bixaceae							
5	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Ar	PI	Na	Proteção da alma, corpo e do ambiente	2
Euphorbiaceae							
6	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião-roxo	Ab	Fo	Ex	Banho de descarrego, proteção da alma, corpo e ambiente e afastar energias negativas (tristeza, doenças, espíritos maus)	2
7	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Ab	Fo	Ex	Banho de limpeza	2
Fabaceae							
8	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão.) A.C.Sm.	Emburana	Ar	Ca	Na	Banho de limpeza	1.33
9	<i>Mucuna pruriens</i> (L.) DC.	Mucuna	Tr	Se	Na	Proteção da alma, corpo, ambiente, e afastar energias negativas (tristeza, doenças, espíritos maus)	2
Lamiaceae							
10	<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã	Er	Fo	Ex	Banho de limpeza	1.5
11	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	Ab	Fo	Ex	Banho de limpeza, simpatias (amor, felicidade) e absorver energia ruim (quebranto e mau olhado)	1.4
12	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	Ab	Fo	Ex	Banho de limpeza	2
13	<i>Plecthranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva	Ab	Fo	Ex	Banho de descarrego e de limpeza	1.5
14	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Er	PI	Ex	Proteção da alma, corpo, ambiente, e afastar energias negativas (tristeza, doenças, espíritos maus)	1.25
15	<i>Vitex agnus castus</i> L.	Pau-da-angola	Ab	PI	Ex	Banho de descarrego	2
Lauraceae							
16	<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	Canela	Ar	Ca	Na	Simpatias (amor, felicidade), proteção da alma, corpo, ambiente, e afastar energias negativas (tristeza, doenças, espíritos maus)	2
17	<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	Ar	Fo	Ex	Simpatias (amor, felicidade), proteção da alma, corpo e do ambiente	1.33
Myrtaceae							
18	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Eucalipto	Ar	Fo	Ex	Banho de limpeza	1.25
19	<i>Syzygium aromaticum</i> L.	Cravinho	Ar	FI	Ex	Simpatias (amor, felicidade) e proteção	2

Tabela 1. Cont.

NOME CIENTÍFICO	NOME VERNACULAR	HA	EM	SE	INDICAÇÕES	IR
Poaceae						
20 <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-santo	Er	Fo	Ex	Banho de limpeza	2
Phytolaccaceae						
21 <i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipi	Er	Pl	Ex	Banho de descarrego	1.33
Rutaceae						
22 <i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Er	Pl	Ex	Banho de descarrego, proteção da alma, corpo, ambiente, e afastar energias negativas (tristeza, doenças, espíritos maus)	1.28
Verbenaceae						
23 <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Erva-cidreira	Ab	Fo	Na	Banho de limpeza	2

N.E.Br. ex P. Wilson) N.E.Br. ex P. Wilson), pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), mucuna (*Mucuna pruriens* L.) DC.), mamona (*Ricinus communis* L.), girassol (*Helianthus annuus* L.) e urucum (*Bixa orellana* L.).

O alho (*A. sativum* L.) é comercializado em todos os boxes de plantas nos mercados da cidade de Parnaíba. Os bulbos (cabeça) ou bulbilhos (dentes) como são popularmente conhecidos pelos permissionários, encontravam-se expostos na entrada dos boxes, para proteger a barraca ou afastar energias ruins, segundos os informantes. Estes também servem para os banhos de descarrego (Guedes *et al.*, 1985), e contra mau-olhado, de acordo com Carmo *et al.* (2015) nas feiras livres do estado do Pará.

Para as estruturas morfológicas observou-se maior uso das folhas na elaboração dos rituais (36,72%), seguido pelo uso das plantas inteiras (27,30%), cascas, bulbos e flores (10,40%) cada, e em porcentagem menor o uso das sementes (4,78%). Vários artigos que versaram sobre plantas ritualísticas também indicaram dados semelhantes, onde a folha foi a estrutura vegetal mais usada (Alves *et al.*, 2016; Asnake *et al.*, 2016; Martins e Costa, 2016; Velázquez-Vázquez, 2019).

Sugere-se que o maior uso das folhas esteja associado a disponibilidade das espécies em quintais, bem como a facilidade no controle da coleta, que não ocasiona danos à planta, garantindo a preservação da espécie, como

também foi citado por Martins e Costa (2016). Para Lima *et al.* (2011) nas feiras livres a folha é a mais utilizada por ser facilmente manipulada pelos consumidores.

As plantas herbáceas exóticas foram as mais comercializadas. Esse padrão pode estar associado ao tamanho das espécies ritualísticas, pois ocupam menos espaço dentro de hortas, além do fácil manejo e manuseio. É comum a priorização do comércio de plantas herbáceas (Zambrano *et al.*, 2015) entre populações urbanas (Luján e Martínez, 2019).

A influência da cultura europeia e africana no uso de plantas, podem contribuir para a ampla utilização de espécies exóticas (Maioli-Azevedo e Fonseca-Krue, 2007). Em diversas regiões do mundo. Nesse estudo, apenas quatro plantas (25,32%) das espécies citadas são nativas e as demais (74,68%) são exóticas. Esse padrão é verificado em trabalhos de plantas ritualísticas no Brasil (Maioli-Azevedo e Fonseca-Krue, 2007). Diversos autores atentaram em descrever a utilização de espécies exóticas em sistemas locais tradicionais (Albuquerque, 2006; Medeiros *et al.*, 2017).

Há hipóteses que avaliam o aumento da utilização de espécies exóticas, suas finalidades e usos (Bennett e Prance, 2000). Estudos avaliando o uso da flora exótica indicam que estas preenchem as lacunas não desempenhadas pelas nativas, diversificando o repertório local das plantas (Albuquerque, 2006). Alguns autores

comprovam que as exóticas constituem um grupo complementar aos usos não encontrados nas espécies nativas (Alencar *et al.*, 2010).

As plantas ritualísticas comercializadas nos Mercados de Parnaíba, Piauí, são obtidas de fornecedores das regiões Norte e Nordeste do Brasil. 65,9% dos permissionários coletam as espécies ritualísticas em quintais, hortas e vegetação dos arredores e imediações da cidade, e 34,1% as adquirem de fornecedores, provenientes do Maranhão em razão da proximidade desse Estados ou os naturais do Piauí. Das espécies ritualísticas presentes nos mercados públicos de Parnaíba, Piauí, 84% são vendidas frescas, e 16% são comercializadas secas.

Considerando o local onde as espécies são coletadas, observou-se neste levantamento que das 23 espécies ritualísticas comercializadas, 14 são coletadas em hortas domésticas. No caso das ervas mágicas cultivadas em casa, estas podem ser adquiridas nas próprias residências dos permissionários, como podem ser coletadas dos quintais próximos de suas casas. Tal fato também é presente em mercados públicos paraenses, onde os feirantes coletavam suas ervas religiosas dos quintais de vizinhos (Bittencourt, 2014). Esta atividade exercida pelos informantes colabora no abastecimento das plantas ritualísticas nos mercados públicos.

Quanto à origem do conhecimento dos permissionários sobre as plantas ritualísticas, verificou-se que 88% do aprendizado foi adquirido pela experiência diária nos mercados, com os consumidores, mateiros, fornecedores e outros permissionários, além das consultas em livros,

e 12% relataram ter adquirido conhecimento sobre as plantas a partir da convivência com os familiares (avós, pais, cônjuges e tios).

Lozada *et al.* (2016) relatam que o conhecimento etnobotânico pode ocorrer de duas formas: socialização do grupo de parentesco (transmissão vertical) ou/e entre sujeitos da mesma geração (transmissão horizontal). No entanto, mesmo sabendo que frequentemente o conhecimento ocorre por meio do contato dos membros mais velhos com os mais novos, no presente estudo o conhecimento prevalente ocorreu de forma horizontal entre permissionários, clientes e fornecedores.

Desde os tempos antigos as plantas possuem importância em tradições místicas, sejam elas rituais religiosos ou apenas registros iconográficos. No Egito, as árvores representavam simbolismo sacral de fertilidade e vida eterna, com a presença da realeza em práticas ritualísticas simbólicas (McDonald, 2018).

No presente estudo foi verificado a importância de cada espécie comercializada para finalidades mágico-religiosas. As plantas informadas para fins litúrgicos tiveram seu uso indicado sob as formas de banhos, afastar energias negativas, ruins e simpatias (Tabela 2).

Nos mercados públicos de Parnaíba, Piauí, as influências negativas do mau olhado ou quebranto são resolvidas com os bulbos de alho (*A. sativum* L.) e cebola (*A. cepa* L.), expostos na frente de casas e comércios. O mau olhado é reconhecido em diferentes países. Na Roma antiga, a palavra era conhecida como “*fascinatio*”, na

Tabela 2. Frequência de citação das doenças espirituais relatadas na medicina tradicional urbana por permissionários de mercados públicos do município de Parnaíba, Piauí.

	DOENÇAS ESPIRITUAIS	NÚMERO DE CITAÇÕES	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
1	Afastar energias negativas (tristeza, maus espíritos)	4	6%
2	Simpatias (amor, felicidade)	4	6%
3	Energias ruins (quebranto, mau olhado)	8	14%
4	Banho de descarrego	12	19%
5	Proteção (casa, família, corpo, alma)	13	21%
6	Banho de purificação	21	34%

Grécia como “*byokagia*”, “*evil eye*” em países de língua inglesa, “*malóccchio*” na Itália, “*mauvais oeil*” em países cuja comunicação é francesa (Miranda, 1991). Deste modo, percebe-se que mesmo sendo tratado como folclórico em algumas culturas, o mau olhado ou quebranto faz parte da rotina dos seres humanos, independentemente de sua cultura, crença ou religião.

Na umbanda, os banhos servem para intensificar as relações entre deuses e seres humanos, no qual os médiuns procuram no banho de ervas uma interação que possa favorecer este processo de conhecer/desenvolver o orixá e a si próprio (Carlessi, 2017). Estes banhos ou rezas são destinados a induzir o bem-estar e segundo os permissionários têm o poder de descarregar as energias ruins do corpo, assim como purificar o corpo e alma.

Na antiguidade, era comum a limpeza dos ambientes visando o livramento de energias negativas, mau-olhado, inveja e outros causadores de problemas. Utilizavam-se vassouras feitas com determinadas plantas, que, de acordo com conhecimento popular dos feiticeiros da época, tinham o poder de espantar maus espíritos e tudo que fosse negativo. As pessoas costumavam usar fitas para prender essas plantas e a cor variava conforme o objetivo desejado. Modelo disso eram as fitas brancas usadas para purificar ambientes (Baçan, 2017).

As energias negativas mencionadas neste estudo estão associadas a sentimentos e espíritos ruins. De acordo com a tradição indígena algumas pessoas adoecem pela influência de espíritos (Lima e Souza, 2010), e há rituais exclusivos direcionados aos processos de cura dos adoecimentos (Barcelos Neto, 2003). Alguns espíritos transformam-se em outras coisas e podem ser malignos ou não (Valetim, 2014). Para os *Yanomami* (indígenas) estes seres podem apresentar características terríveis e monstruosas (Castro, 2006).

Na umbanda, um exemplo de espiritualidade de profunda aversão é o rancor, cujas vibrações o caracterizam como uma energia negativa, podendo trazer consequências físicas ao corpo (Brito, 2017). Já na doutrina espírita, os espíritos perversos (obsessores) interferem nas atitudes

e sentimentos dos seres humanos os influenciando e/ou prejudicando (Kardec, 2004).

Nos mercados públicos de Parnaíba, estes problemas são amenizados com a utilização de plantas sagradas, geralmente associadas a água. Tal fato também é verificada na religião católica. No catolicismo é observado a aspersão de água benta com ramos de ervas em pessoas, ambientes e objetos para proteger contra as energias negativas (espíritos prejudiciais) e auxílio divino à alma (Reus, 1944).

As simpatias podem ser definidas como prática ritualística, na qual, a força do pensamento, propõe algum auxílio na resolução de problemas cotidianos e de saúde (Sales, 1991). Como é observado nos rituais dos espíritos cantores realizados por Xamãs (Cesarino, 2006). Recentemente as práticas do xamanismo são observadas nos meios rurais e nos centros urbanos, tanto como nas aldeias (Fernandes, 2018). O xamanismo expressa as preocupações centrais da cultura e da sociedade, busca entender os eventos no cotidiano e influenciá-los. Envolve o sobrenatural, social e o ecológico, por meio de rituais (Langdon, 1996).

As plantas mágico-religiosas, apresentam-se como componentes fundamentais nas simpatias, encontradas em distintas camadas sociais e rituais religiosos afro-brasileiros (Guedes *et al.*, 1985). Gimenes (2017) descreve que as pessoas que utilizam plantas mágicas, pretendem alcançar o equilíbrio e reposição de energias, evitando ao máximo o uso de medicamentos sintéticos, por meio de terapias energéticas, homeopatia, fitoterapia e da sabedoria das curandeiras (os), do passado e presente, com seus chás, banhos e benzimentos, entre outros, buscando sempre manter o corpo fortalecido.

As simpatias curam corpo e espírito e são usadas para o bem e o mal (Baçan, 2017). A influência do uso de plantas em simpatias e rituais é conhecida e utilizada por inúmeros grupos populacionais, dentre estes destacam-se os indígenas que usam espécies vegetais para prevenção e cura de doenças. Na Amazônia brasileira os *Matses* (indígenas) usam plantas amarradas em regiões

corporais para combater as dores. As mulheres *Matses* usam folhas consagradas amarradas no ventre (região posterior do corpo) para amenizar cólicas menstruais, além da extração da entrecasca de árvores sagradas para elaborar as vestimentas usadas nos rituais dos espíritos cantores. Nos rituais, os Xamãs rezadores manipulam por meio dos cantos os duplos espíritos que curam e fazem o mal (Matos, 2014).

Estas crenças ainda são poucas estudadas no município, contudo, nos mercados públicos da cidade há pessoas que conhecem e praticam rituais com plantas mágicas em superstições.

Os temperos de origem vegetal são amplamente utilizados como medicinais (Azevedo e Silva, 2006) e ritualísticos pela população. Neste estudo, dez espécies de condimentos foram também relatadas como ritualísticos (Figura 2): manjerição (*Ocimum basilicum* L.), alfavaca (*Ocimum gratissimum* L.), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), hortelã (*Mentha arvensis* L.), cravinho (*S. aromaticum* L.), canela (*Cinnamomum*

verum J. Presl), alho (*Allium sativum* L.), cebola (*Allium cepa* L.), louro (*Laurus nobilis* L.) e urucum (*Bixa orellana* L.).

O gênero *Ocimum* é amplamente utilizado para diversos rituais no território brasileiro (Albuquerque e Andrade, 1998) e em outros países (Almeida, 2011). Em diversas civilizações as espécies desse gênero estão relacionadas com rituais religiosos.

Na Índia, as sementes do manjerição são usadas para fazer rosários, esta erva é consagrada a Krishna e Vishnu, com uso tradicional de um galho no peito dos mortos para servir de passaporte ao paraíso (Almeida, 2011). Entre a população parnaibana, o manjerição (*O. basilicum* L.) é usado na alimentação para dar sabor a pratos tradicionais e em banhos ritualísticos.

A alfavaca (*O. gratissimum* L.) é conhecida na Bahia como quiôio, esta é bastante utilizada como condimento no preparo do feijão e carne no litoral baiano (Almeida, 2011). Schardong e Cervi (2000) descrevem ainda, que



Figura 2. Espécies ritualísticas utilizadas como condimentos nos mercados públicos de Parnaíba, Piauí.
Foto: Maria Hortencia Borges dos Santos.

a espécie apresenta uso tradicional em comunidades afro-brasileiras para finalidades medicinais (Pires *et al.*, 2009).

O alecrim (*R. officinalis* L.) é indicado neste estudo para afastar tristeza, proteção do corpo, da alma e do ambiente. De acordo com os permissionários entrevistados, as folhas do alecrim podem ser usadas em benzeduras para o afastamento da tristeza e banhos para a proteção do corpo. Os informantes relataram também que cultivar uma muda de alecrim na frente da casa protege o ambiente, bem como, andar com as folhas da planta dentro de livros, carteiras, e bolsos, protege a alma de espíritos ruins. Guedes *et al.* (1985) relatam que a espécie é dedicada a Oxalá, em rituais da umbanda, onde suas folhas são queimadas em defumadores para atrair boas vibrações, afastar as más energias e purificar as pessoas e ambientes.

Com relação a hortelã (*M. arvensis* L.) é uma planta aromática pois possui óleo essencial com alto teor de mentol empregado principalmente como aromatizante de alimentos, bebidas, perfumes, produtos de higiene bucal (Kumar *et al.*, 2002) e preparações medicinais (Farias *et al.*, 2019). As folhas são usadas em banhos de purificação do corpo e da alma de acordo com o conhecimento dos permissionários dos mercados públicos de Parnaíba, Piauí.

As plantas trazem inúmeras histórias ancestrais, relacionadas com as conquistas amorosas, tais como o oferecimento dos galhos ou o preparo de perfumes, filtros, e pós mágicos de atração (Almeida, 2011). Nos mercados públicos de Parnaíba, as flores do cravinho (*S. aromaticum* L.) e as cascas da canela (*C. verum* J. Presl), foram informadas para banhos que atraem felicidade e amor.

O alho (*A. sativum* L.) é a quarta hortaliça em importância econômica no Brasil, e possui rico valor nutricional (Sedoguchi *et al.*, 2002; Cruz *et al.*, 2019), além de suas propriedades medicinais (Mesquita e Tavares-Martins, 2018) e culturais (Oliveira e Trovão, 2009).

A cebola (*A. cepa* L.) é uma das ervas condimentares mais difundida do mundo. Há muito tempo foi cultivada na Índia e na China, sendo muito apreciada na Grécia, Roma e Egito (Kassab, 1994). No Brasil, foi introduzida pelos portugueses no Rio Grande do Sul (Sonnenberg, 1981) e hoje é utilizada para fins medicinais (Teixeira *et al.*, 2003; Knoll *et al.*, 2006; Fachinetto *et al.*, 2007) e ritualísticos.

As folhas de louro (*L. nobilis* L.) é utilizada em muitos países na culinária, auxiliando também na digestão e eliminação de gases. As folhas são usadas também em banhos de oferenda para lansã, associadas a outras plantas, e em defumadores com propósito de atrair prosperidade, e em oferendas de acarajés para Oyá, ornamentando os pratos oferecidos (Almeida, 2011).

O corante de urucum (*B. orellana* L.) informado nos mercados públicos como ritualístico é usado em simpatias contra energias ruins. Os permissionários informaram que cultivar um pé de urucum na frente de casa afasta todo tipo de mau-olhado. A planta também é utilizada como corante na culinária para dar sabor e cor as receitas. A pintura realizada a partir da bixina, substância encontrada nas sementes do fruto *B. orellana* L., (Costa e Chaves, 2005; Almeida *et al.*, 2017), tingi o corpo dos indígenas, como uma forma de expressar os sentimentos da comunidade, sejam eles de alegria, dor, guerra, ou até mesmo uma transição de uma etapa da vida (Tsuwaté e Leão, 2017). O urucum possui reconhecimento mundial em escala industrial (Almeida *et al.*, 2017), sendo a América Latina o principal produtor da espécie (IBGE, 2009).

A população busca o aperfeiçoamento das práticas e recursos usados na alimentação. As espécies ritualísticas informadas neste estudo são diversificadas, sendo possível unir os conhecimentos culinários com os místicos e desenvolver receitas agradáveis. A utilização das plantas mágico-religiosas na alimentação é um aspecto positivo, pois fortalece a etnobotânica quanto ao uso e conhecimento tradicional de espécies vegetais comercializadas em mercados públicos.

CONCLUSÃO

As plantas são úteis por estimular percepções no mundo espiritual. Estão presentes na cultura de vários povos e são destinadas a diversos tratamentos e rituais como banhos de descarrego, limpeza do corpo, da alma e simpatias.

A forma de obtenção do conhecimento é por transmissão horizontal. O Piauí é um dos estados com maior número de suicídio nos últimos anos e a dificuldade do acesso a serviços de saúde especializado, faz com que a população recorra a medicina tradicional com plantas na cura de doenças físicas e/ou espirituais. As plantas são destinadas principalmente ao tratamento de purificação e descarrego, o que sugere que os mercados são recursos buscados para o tratamento de transtornos psicossomáticos.

AGRADECIMENTOS

Aos permissionários dos mercados públicos da cidade de Parnaíba, Piauí, em disponibilizar tempo para troca de informações relevantes e a CAPES, pela concessão da bolsa para primeira autora.

LITERATURA CITADA

Albuquerque, U. P. e L. H. C. Andrade, 1998. Etnobotânica del género *Ocimum* L. (Lamiaceae) en las comunidades afrobrasileñas. *Anales Jardín Botánico de Madrid*, 56(1): 107-118.

Albuquerque, U. P. 1997. Plantas medicinais e mágicas comercializadas nos mercados públicos de Recife-Pernambuco. *Ciência e Trópico*, 25(1): 7-15.

Albuquerque, U. P. 2006. Re-examining hypothesis concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 2: 1-30.

Alencar, N. L., T. A. A. Araújo e E. L. C. Amorim. 2010. The Inclusion and Selection of Medicinal Plants in Traditional Pharmacopoeias – Evidence in Support of the Diversification Hypothesis. *Economic Botany*, 64(1): 68-79.

Almeida, M. R., S. T. Martinez e A. C. Pinto 2017. Química de Produtos Naturais: Plantas que Testemunham Histórias, *Revista Virtual de Química*, 9(3): 1-37.

Almeida, M. Z. 2003. *Plantas medicinais*. 2ªed. EDUFBA. Salvador.

Almeida, M. Z. 2011. *Plantas medicinais*. 3ªed. EDUFBA. Salvador.

APG - Angiosperm Phylogeny Group. 2016. An update of the angiosperm phylogeny group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 181: 1-20.

Alves, G. S. P. e J. A. Povh. 2016. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, *Revista Biotemas*, 26(3): 232-242.

Araújo, A. C., J. P. Silva, J. L. X. L. Cunha e J. L. Araújo. 2009. Caracterização socio-econômico-cultural de raizeiros e procedimentos pós-colheita de plantas medicinais comercializadas em Maceió, AL. *Revista Brasileira Plantas Medicinais*, 11(1): 81-91.

Araújo, G. 2019. Índice Nacional de Mortalidade. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/09/10/taxa-de-mortalidade-por-suicidio-no-piaui-e-quase-o-dobro-do-indice-nacional-saiba-como-buscar-ajuda.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2019.

Asnake, S., T. Teklehaymanot, A. Hymete, B. Erko e M. Giday. 2016. Survey of medicinal plants used to treat malaria by Sidama People of Boricha District, Sidama Zone, South Region of Ethiopia. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*: 1-9.

Azevedo, S. K. S. e I. M. Silva. 2006. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Acta Botânica*, 20(1): 1-1.

Baça, L. P. 2017. *O grande livro das simpatias mágicas*. LPB Edições, Copyright. Hillsborough St, Raleigh, NC.

Barcelos Neto, A. 2003. “Festas para um ‘nobre’: ritual e (re)produção sociopolítica no Alto Xingu”. *Estudios Latino Americanos*, 23: 63-90.

Bastos, E. M., A. Schiavetti., J. M., Monteiro e R. F. M. Barros. 2020. Características sociodemográficas dos permissionários de produtos da sociobiodiversidade em mercados públicos no nordeste do Brasil. *Brazilian Journal of Development*, 6(4): 19553-19574.

- Brito, L. G. 2017. A vibração dos corpos: notas sobre uma teoria umbandista do intercâmbio mediúnic-energético, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 37(3): 173-197.
- Bennett, B. C. G. T. Prance. 2000. Plantas introduzidas na farmacopeia indígena do norte da América do Sul. *Economic Botany*, 54: 90-102.
- Bernard, H. R. 1988. *Research methods in cultural anthropology*. Sage. Newbury Park: USA
- Bitencourt, B. L. G., P. G. C. Lima e R. F. M. Barros. 2014. Comércio e uso de plantas e animais de importância mágico-religiosa e medicinal no mercado do Guamá, Belém do Pará. *Revista FSA*, 11(3): 96-158.
- Bussmann, R. W. e D Sharon. 2015. *Plantas medicinales de los andes y la amazonia*. La Flora mágica y medicinal del Norte del Perú. Centro William L. Brown Jardín Botánico de Missouri.
- Bussmann, R. W. e D. Sharon. 2009. Shadows of the colonial past - diverging plant use in Northern Peru and Southern Ecuador. *Journal Ethnobiol Ethnomed*, 5, 4: 1-1.
- Camargo, M. T. L. A. 2014. *As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica na medicina popular do Brasil*. 1ª ed. Ícone. São Paulo.
- Carlessi, P. C. 2017. Jeitos, sujeitos e afetos: participação das plantas na composição de médiuns umbandistas. *Boletim Museu Parasense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 12(3): 855-868.
- Carmo, T. N., F. C. A. Lucas, G. J. M., Lobato e E. S. C. Gurge. 2015. Plantas medicinais e ritualísticas comercializadas na feira da 25 de setembro, Belém, Pará. *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer*, 11(21): 1-28.
- Castro, E. V. 2006. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. *Caderno de campo*, (14/15): 1-382.
- Cesarino, P. N. 2006. De duplos e estereoscópios: paralelismo e personificação nos cantos xamanísticos ameríndios. *Mana*, 12(1): 105-134.
- Chaves, C. e A. P. C. Gonçalves. 2013. *O mercado público em Belém: arquitetura urbanística*. IV Colóquio Internacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem.
- Coelho-Ferreira, M. R. 1996. *Le marché des plantes medicinales à Manaus*. In: Emperaire, L. (Org.). La forêt in jeux: l'extrativisme en Amazonie Centrale. ORSTOM/UMESCO. Paris.
- Costa, C. L. e M. H. Chaves. 2005. Extração de pigmentos das sementes de *Bixa orellana* L.: uma alternativa para disciplinas experimentais de química orgânica. *Revista Química Nova*, 28(1): 149-152.
- Cunningham, A. B. e F. T. Mbenkum. 1993. *Sustainability of harvesting Prunus africana bark in Cameroon: A medicinal plant in international trade*. People and Plants Working. Paris.
- Cruz, A. S., V. L. B. Porto, M. T. Mata e J. P. R. Soares. 2019. Uma abordagem da importância alho (*Allium sativum*) no sistema imunológico. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5: 65-71.
- Dantas, G. P. G. 2008. Feiras no Nordeste. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, 7(13): 87-101.
- Fachinetto, J. M., M. D., Bagatini, J. Durigon, A. C. F. Silva e Tedesco, S. B. 2007. Efeito anti-proliferativo das infusões de *Achyrocline satureioides* DC (Asteraceae) sobre o ciclo celular de *Allium cepa*. *Revista Brasileira de Farmacognósia*, 17: 49-54.
- Farias, J. C., G. D. R. Miranda, M. H. B. Santos, B. L. S. Bomfim, I. C. Fonseca-Filho, S. M. França, R. F. M. Barros e P. R. R. Silva. 2019. Medicinal flora cultivated in backyards of a community in Northeast Brazil. *Ethnobotany Research & Applications*, 18(28): 1-13.
- FLORA DO BRASIL. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ResultadoDaConsultaNovaConsulta.do#CondicaoTaxonCP>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- Fernandes, S. C. 2018. Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicações da floresta, *Horizontes Antropológicos* 24(51): 289-314.
- Ferreira, M. E. A. 2017. *Plantas medicinais utilizadas em rituais de religiões de matriz afro-brasileira: estudo de caso umbanda*. (Monografia de Bacharel em Ciências Biológicas) Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Brasil.
- Gimenes, B. J. 2017. *Fitoenergética: a energia das plantas no equilíbrio da alma*. Edição revisada e ampliada. Luz da Serra Editora. Nova Petrópolis.

- Guedes, R. R., S. R. Profice, E. L. Costa, J. F. A. Baumgratz e H. C. Lima. 1985. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no Estado do Rio de Janeiro – um ensaio Etnobotânico. *Rodriguésia*, 37(63): 3-9.
- Harley, R. M. 2004. Labiatae. In: Kubitzki, K. e J. W. Kadereit. Flowering Plants, dicotyledones: Lamiales except Acanthaceae including Avicenniaceae. *The families and genera of vascular plants*. Springer -Verlag Berlin Heidelberg New York.
- Hurrell, J. A., J. P. Puentes e P. M Arenas. 2016. Estudios etnobotánicos en la conurbación Buenos Aires-La Plata, Argentina: productos de plantas medicinales introducidos por inmigrantes paraguayos. *Bonplandia*, 25: 43-52.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2016. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/parnaiba/panorama>. Acesso em: 25 set. 2018.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2009. *Produção da extração vegetal e silvicultura*, 24: 1-45.
- Juárez-Pérez, J. C. e J. A. Cabrera-Luna. 2019. Plantas de enfermedades respiratorias vendidas en tres mercados en Santiago de Querétaro. *Polibotany*, (47): 1-1.
- Kardec, A. 2004. *O livro dos espíritos*. Princípios da doutrina espírita. Federação Espírita Brasileira – FEB, Rio de Janeiro.
- Kassab, A. L. 1994. *Cebola: do túmulo dos faraós as exigentes mesas modernas*. 2ª ed. São Brasil Agrícola. Paulo: Icone.
- Knoll, M. F., A. C. F. Silva, T. S. Canto-Dorow, e S. B. Tedesco. 2006. Effects of *Pterocaulon polystachyum* DC. (*Asteraceae*) on onion (*Allium cepa*) root-tip cells. *Genetics and Molecular Biology* 29: 539-542.
- Köppen W. 1948. *Climatologia: con un estudio de los climas de la tierra*. Fondo de Cultura Económica. México.
- Kumar, S. J. R. et al. 2002. High economic returns from companion and relay cropping of bread wheat and menthol mint in the winter-summer season in north Indian plains. *Industrial Crops and Products*, 15: 103-114.
- Landeros-Cuevas, J., A. Martín-Ramírez, J. Á. Alba-Avila e A. Aguilar-Contreras. 2018. Plantas medicinales de los mercados municipales en la comarca lagunera De Durango y Coahuila, México. *Árido-Ciência*, 3(1): 3-11.
- Langdon, E. J. 1996. *Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas*. Editora UFSC. Florianópolis.
- Ledur, J. 2017. “ 15 fatos curiosos, histórias e personalidades do Mercado Municipal que completa 59 anos”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/plantao/curiosidades-mercado-municipal>. Acesso em: 24 set. 2020.
- Lévi-Strauss, C. 2010. *O pensamento selvagem*. 11ª ed. Campinas: Papirus.
- Lima, E. C e M. C. Souza. 2010. *Conhecimento e cultura: práticas de transformação no mundo indígena*. Athalaia, Brasília.
- Lima, P. G. C., M. Coelho-Ferreira e R. S. Santos, 2016. Perspectives on medicinal plants in public markets across the Amazon: a review. *Economic Botany*, 70(1): 64-78.
- Lima, R. L., A. S. Magalhães e M. R. A Santos. 2011. Levantamento Etnobotânico de Plantas Mediciniais Utilizadas na Cidade de Vilhena, Rondônia. *Revista Pesquisa & Criação*, 10(2): 165-179.
- Lorenzi, H. e F. J. A. Matos. 2008. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2ª ed. Nova Odessa, Instituto Platarum. São Paulo.
- Lozada, M., A. Ladio e M. Weigandt. 2006. Cultural transmission of ethnobotanical knowledge in a rural community of northwestern Patagonia, Argentina. *Economic Botany*, 60: 374-385.
- Lós, D. W. S., R. P. Barros e J. D. S. Neves. 2012. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico nas feiras livres do município de Arapiraca-AL. *Biofar*, 7(2): 1-1.
- Luján, M. C e G. J. Martínez. 2019. Etnobotánica médica urbana y periurbana de la ciudad de Córdoba (Argentina). *Boletín latinoamericano y del caribe de plantas medicinales y aromáticas*, 18(2): 155-196.
- Maioli-Azevedo, V. e V. S. Fonseca-Kruel. 2007. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo

- de caso nas zonas Norte e Sul. *Acta Botânica Brasileira*, 21(2): 263-275.
- Martínez-Gordillo, M., I. Fragoso-Martínez, M. R. García-Peña e O. Montiel. 2013. Géneros de Lamiaceae de México, diversidad y endemismo. *Revista Mexicana de Biodiversidad*, 84: 30-86.
- Martins, E. S. S. e J. C. Costa. 2016. Importância relativa das plantas medicinais comercializadas nas feiras dos municípios de Paulo Afonso – Bahia, Delmiro Gouveia – Alagoas e Petrolândia – Pernambuco, Brasil. *Opará*, 4(5): 63-80.
- Matos, B. A. 2014. *A Visita dos Espíritos: ritual, história e transformação entre os Matses da Amazônia brasileira*. (Tese de Doutorado em Antropologia Social) Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- McDonald, J. A. 2018. Influences of Egyptian Lotus Symbolism and Ritualistic Practices on Sacral Tree Worship in the Fertile Crescent from 1500 BCE to 200 CE. *Religion*, 9: 1-27.
- Medeiros, P. M., W. S. Ferreira Júnior, M. A. Ramos, T. C. Silva, A. H. Ladio e U. P. Albuquerque. 2017. *Por que as pessoas usam plantas exóticas em seus sistemas médicos locais? Uma revisão sistemática baseada nas comunidades locais brasileiras*. *Plos One*: 1-14.
- Mercado Público de Florianópolis. 2020. *A história do Mercado Público de Florianópolis*. Disponível em: <https://www.mercadopublicofloripa.com.br/sobre-o-mercado>. Acesso em: 24 set. 2020.
- Mesquita, U. O. e A. C. C. Tavares- Martins. 2018. Etnobotânica de plantas medicinais en la comunidad de Caruarú, Isla del Mosqueiro, Belém-PA, Brasil. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y aromáticas* 17: 130-159.
- Miranda, H. C. 1991. *Diversidade dos carismas: teoria e prática da mediunidade*. Niterói, RJ: Arte e Cultura. Brasil.
- MOBOT. *Missouri Botanical Garden*. 2018. Disponível em: <http://www.missouribotanicalgarden.org/media/fact-pages/tropicos.aspx>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- Monteiro, J. M., E. L. Araújo, E. L. C. Amorim e U. P. Albuquerque. 2010. Local markets and medicinal plant commerce: a review with emphasis on Brazil. *Economic Botany*, 64(4): 352-366.
- Oliveira, E. C. S. e D. M. B. L. Trovão. 2009. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. *Revista Brasileira de Biociências*, 7(3): 245-251.
- Oliveira, M. A. J., Sant`Ana, A. O., Guedes, M. L. S., Cardel, L. M. P. S. 2014. Caracterização dos erveiros e das plantas sagradas vendidas nas feiras livres de Salvador, *Camdombá*, 10(1): 46-57.
- Pereira, A. L. 2018. *Mercados públicos como patrimônio cultural - um estudo da cidade de Goiânia*. (Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico). Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Brasil.
- Pires, M. V., P. P. Abreu, C. S. Soares, B. Souza, D. Mariano, D. C. Silva e E. A. Rocha. 2009. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. *Revista brasileira de Biociências*, 7(1): 3-8.
- Puentes, J. P. 2016. Plantas medicinales y productos derivados comercializados como antidiabéticos en la conurbación Buenos Aires-La Plata, Argentina. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y aromáticas*, 15: 364-388.
- Puentes, J. P. e J. A. Hurrell. 2015. Plantas andinas y sus productos comercializados con fines medicinales y alimentarios en el Área Metropolitana Buenos Aires-La Plata, Argentina. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y aromáticas*, 14: 206-236.
- Reus, J. B. 1944. *Curso de Liturgia*. 2ª ed. Editora Vozes. Petrópolis.
- Santos-Filho, F. S., T. K. S. Mesquita, E. B. Almeida Júnior e C. S. Zicke. 2016. A flora de Cajueiro da Praia: uma área de tabuleiros do litoral do Piauí, Brasil. *Revista Equador*, 5(2): 21-35.
- Santos, M. H. B. 2020. Mercados públicos municipais de Parnaíba como difusores etnobotânicos no Piauí. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí. Teresina. Brasil.
- Santos, R. S., P. G. C. Lima e M. A. Coelho-Ferreira. 2018. Etnobotânica de plantas medicinais em

- mercados públicos da Região Metropolitana de Belém do Pará, Brasil. *Biota Amazônia*, 8(1): 1-9.
- Sales, N. R. 1991. *Simpatias e segredos populares*. 4ª ed. Pallas Editora. Rio de Janeiro.
- Schardong, R. M. F. e A. C. Cervi. 2000. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. *Acta Biol. Parana*, 29: 187-217.
- Sedoguchi, E. T., M. S. Parraga e M. G. F. Carmo. 2002. *Comparação de seis cultivares de alho (Allium sativum L.) nas condições climáticas da Baixada Fluminense. Horticultura Brasileira*, 20(2): 1-1.
- Silva, D. D. C. S. e E. C. O. França, 2012. *Plantas que curam: eficácia simbólica na religiosidade popular*. Anais do XIII Simpósio da ABHR (Associação Brasileira de Histórias das Religiões), 13: 1-10.
- Silva, D. V. 2017. *O lugar do mercado em São Paulo: arquitetura e inserção urbana*. (Dissertação de Mestrado em Ciências, Programa de Arquitetura e Urbanismo) FAUUSPP- São Paulo.
- Sonnenberg, P. E. 1981. *Olericultura Especial: 2ª ed.* Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Brail.
- Teixeira, R. O., M. L. Camparoto, M. S. Mantovani e V. E. P. Vicentini. 2003. Assessment of two medicinal plants, *Psidium guajava* L. and *Achillea millefolium* L. in vivo assays. *Genetics and Molecular Biology*, 26: 551-555.
- Tsuwaté, V. T. e M. F. Leão. 2017. Descrição do preparo do corante e das diversas utilizações do urucum pelo povo Xavante. *Destques Acadêmicos*, Lajeado 9(4): 77-93.
- Valentim, M. A. 2014. “Talvez eu não seja um homem” - Antropomorfia e monstrosidade no pensamento ameríndio. *Campos*, 15(2): 9-26.
- Velázquez-Vázquez, G., B. Pérez-Armendáriz, L. D. Ortega-Martinez e Z. Nelly-Juarez. 2019. Conocimiento etnobotánico sobre el uso de plantas medicinales en la Sierra Negra de Puebla, México. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y aromáticas* 18(3): 265-276.
- Zambrano, L. F., M. P. Buenaño, N. J. Mancera e E. Jiménez. 2015. Estudio etnobotánico de plantas medicinales utilizadas por los habitantes del área rural de la Parroquia San Carlos, Quevedo, Ecuador. *Revista Universidad y Salud*, 17, 97-111.v